

quarto número da série Globalização e Solidariedade vem chamar a atenção para os Jogos Pan-Americanos, que acontecem em 2007, no Rio de Janeiro. O evento, que não se trata apenas de uma competição esportiva, trará mudanças radicais na cidade, com efeitos para a vida da população. A publicação, além de discutir os impactos geográficos, financeiros, sociais, econômicos e ambientais dos jogos na cidade, pretende também apresentar experiências similares anteriores.

PACS
 Núcleo de Políticas de Acesso à Cultura e ao Espaço Urbano

ISBN 85-89366-17-0



9 788589 366175

série
globalização e solidariedade **4**

Pan-Americano de 2007:
 grande negócio para quem?



RIO 2007?

Pan-Americano de 2007: grande negócio para quem?

PACS - Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul
 CNPJ.: 31.888.076/0001-29
 Av. Rio Branco, 277 / 1609 Centro
 CEP 20.040-009 Rio de Janeiro/ RJ
 Telefax: (0xx21) 2210-2124
 Correio Eletrônico: pacs@pacs.org.br
 Sítio do Pacs: www.pacs.org.br

Série: Globalização e Solidariedade
 N° 4 - Pan-Americano de 2007: grande negócio para quem?

Texto: Bruno Lopes, Gilmar Mascarenhas, Licínio da Silva Portugal e Jorge A. M. Gonçalves, Danielle Barros, Leonardo Picinatto, Orientadores: Fernanda Sánchez e Glauco Bienenstein, Brian Martin. Marvin Shaffer, Alan Greer, Celine Mauboules

Equipe Técnica:
 Marcos Arruda, Sandra Quintela, Ruth Espínola Soriano, Terezinha Pimenta, Bruno Lopes.

Revisão: Lúcia Ribeiro

Projeto Gráfico:
 Gabriela Caspary Corrêa

Ilustrações: Kita Telles

Tiragem: 1.000

Apoio:
 Christian Aid
 Desenvolvimento e Paz
 DKA - Áustria
 E-Changer
 FPH
 Instituto Marista de Solidariedade
 Pão para o Mundo
 SCIAF
 Trocaire

Pan-Americano de 2007 – Grande negócio para quem?

Rio de Janeiro, PACS – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul.

59p. (Série Globalização e Solidariedade, 4)

1. Esporte. 2. Orçamento Público. 3. Urbanismo 4. Globalização I. II. III. PACS – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul. IV. Título. V. Série

ISBN 58-89366-17-0

índice

1. Introdução _____ 4
2. Pan-Americano de 2007 _____ 6
e seus impactos no Rio de Janeiro
Bruno Lopes
3. Por um transporte mais digno e sustentável _____ 16
Licínio da Silva Portugal e Jorge A. M. Gonçalves
4. Para muito além do esporte:
O urbanismo olímpico e seu legado social _____ 20
Gilmar Mascarenhas
5. Grandes projetos urbanos _____ 36
e fronteiras Sociais: irrupções da resistência
Danielle Barros (PIBIC/CNPq) e Leonardo Picinatto (FAPERJ);
Orientadores: Fernanda Sánchez e Glauco Bienenstein;
Colaboradores: Bárbara Canto (CNPq/PIBIC) e Bruna Guterman (CNPq/PIBIC)
6. Canadá - Escolhas Olímpicas _____ 50
7. Dez razões para se opor a _____ 54
todos os Jogos Olímpicos
Brian Martin



10 razões

para se opor a todos os Jogos Olímpicos*

Brian Martin¹

Existem diversas razões para se opor à realização de Jogos Olímpicos, não somente aos de 1996 em Atlanta e o de 2000 em Sidney, mas a todos eles. Um resumido esboço de dez razões é apresentado neste artigo. Os pontos apresentados resumem idéias analisadas de forma profunda e detalhada em diversos estudos. Infelizmente, análises críticas sobre as Olimpíadas não recebem atenção alguma se comparadas à extensa promoção governamental e comercial dos Jogos.

As críticas não se dirigem aos dedicados e talentosos atletas, nem mesmo aos seus técnicos e patrocinadores. Não digo também que não há valor algum nos Jogos Olímpicos. No entanto, meu argumento é que existem tantos problemas intrínsecos a eles que seria melhor a abolição de todos os Jogos juntos.

* Publicado em Freedom, Vol 57, N°15, 3 de Agosto de 1996, p. 7, com pequenas modificações e omissões de referências. Uma versão resumida foi publicada em Green Left, em 22 de maio de, 1996, p. 13.

¹ Professor de Ciências, Tecnologia e Sociedade na Universidade de Wollongong, na Austrália.

1. Nacionalismo

Os Jogos são uma arena para disputas políticas. Os Jogos de 1936, realizados em Berlim, foram utilizados pelo regime Nazista para reforçar seu prestígio. O governo do Estados Unidos da América liderou um boicote aos Jogos de Moscou em 1980 como forma de protesto contra a invasão soviética ao Afeganistão. O governo soviético liderou um boicote aos Jogos de Los Angeles em 1984 em grande parte como forma de revanche ao boicote liderado pelo governo americano nos Jogos anteriores.

A retórica usualmente utilizada é a de que esportes e política não se misturam, contudo o que se percebe é que as Olimpíadas foram utilizadas como arma política desde sua primeira edição. Decisões políticas são tomadas desde a decisão de onde serão realizados os Jogos até a escolha dos países que participarão do mesmo. Os boicotes aos Jogos são formas de exercer pressão política. Exatamente pelo fato de que os esportes são vistos de forma neutra pela sociedade, é que essas estratégias são tão efetivas para os propósitos políticos.

Os governantes na busca de prestígio pelas vitórias olímpicas organizam o treinamento de atletas de elite. Nas Olimpíadas, as competições entre atletas são transformadas em competição entre Estados. Os atletas não podem participar caso seus países não participem. As vitórias individuais e dos times são encaradas como vitórias nacionais, simbolizadas por bandeiras e hinos, que ecoam pelo mundo todo. A cobertura pela mídia dos países é freqüentemente imparcial e tende a exaltar seus próprios atletas, refletindo e reforçando o sentimento de nacionalismo.

O Comitê Olímpico Internacional (IOC), uma organização não democrática, é composta por representantes dos países membros. Este Comitê é um veículo de luta política internacional. Sedar os Jogos é visto como uma oportunidade de promover o prestígio nacional. Estados de visões políticas opostas - liberal democrático, comunista, fascista, militar - abraçaram a idéia dos Jogos, demonstrando a falta de princípios éticos do evento. O Comitê Olímpico Internacional tem buscado a participação de todas as nações, sem aplicações de testes e critérios oficiais seletivos.



2. Comercialismo

Interesses de corporações penetram nas Olimpíadas através de patrocínios dos próprios Jogos e por uso e patrocínio de atletas para propósitos comerciais. A mídia nutre a idéia de que os Jogos são um grande espetáculo, promovendo profissionalização e comercialização.

Atletas com visibilidade podem se beneficiar com a assinatura de contratos lucrativos. O sucesso no esporte torna-se um meio de venda de produtos. A sonhada medalha de ouro torna-se um meio utilizado por atletas e patrocinadores para aumentarem seus lucros. Comercialismo e

Nacionalismo transformam os Jogos Olímpicos cada vez mais em uma atividade destinada apenas a atletas de alto rendimento e profissionais com dedicação integral.

As Olimpíadas se tornaram um grande balcão de negócios, principalmente através da televisão. Os meios de comunicação de massa usam o esporte para vender programas e anunciantes. Os Jogos e sua imagem de evento esportivo de maior importância são um sonho para os anunciantes de atingir uma audiência global para seus produtos.

Através de grandes receitas provenientes das emissoras de TV, o Comitê Olímpico Internacional se

tornou o maior beneficiário das atividades comerciais, operando como uma corporação transnacional. Suas decisões são tomadas em grande parte baseadas nos fluxos de capitais.

3. Competição

Os Jogos são exclusivamente competitivos. Isto significa que, no final das contas, a maioria dos competidores é composta por perdedores. O foco está em poucos vencedores, ao passo que existem muitos outros que batalham durante anos sem obter a vitória, algumas vezes por falta de sorte, outras por possíveis conluíus por parte das corporações esportivas. De qualquer forma, a natureza da competição em um nível internacional significa que somente uma pequenina fração dos competidores poderá sair dos Jogos como vencedores.

Competições com altos prêmios - medalhas olímpicas - significam que o objetivo se torna a vitória a todo custo. A pressão pela obtenção das vitórias serve de incentivo ao uso de drogas ilícitas, manutenção de segredos durante os treinamentos, tentativas de manipulação psicológica dos oponentes, e treinamento e disputa de competições mesmo enquanto se está lesionado.



A ênfase na competição e na vitória significa que formas de atividades físicas mais participativas e cooperativas são marginalizadas. A prática de esportes pode ser satisfatória e benéfica, ambas física e mentalmente, para qualquer pessoa da sociedade. Isto somente acontecerá caso o objetivo principal seja a participação, e não apenas a vitória nas competições. Os Jogos Olímpicos são competições de elite, entre atletas e Estados. A obsessão pelo sucesso olímpico subestima o objetivo do esporte cooperativo e participativo.

4. Dominação masculina

Desde o começo das Olimpíadas a quantidade de atletas, técnicos e árbitros do sexo masculino sempre foi muito maior do que a quantidade de mulheres. As atletas recebem menos apoio em termos financeiros e existem menos esportes olímpicos, em que elas podem compe-

tir. Muitos comitês olímpicos nacionais não possuem nenhum membro do sexo feminino e não enviam nenhuma mulher aos Jogos.

As competições incluídas nos Jogos Olímpicos são aquelas que conferem vantagens aos homens, uma vez que enfatizam a força e a velocidade. Por exemplo, a maioria dos esportes ligados à corrida e natação são vencidos em questão de segundos ou minutos. As mulheres competem de forma igualitária, senão superior aos homens no tocante aos esportes de resistência, tais como as competições de longa duração da natação. No entanto, nas Olimpíadas elas participam apenas das provas de curta duração. Da mesma forma, competições que privilegiam a precisão e a habilidade, em detrimento da força, dariam às mulheres maiores chances de vitória. Seria possível selecionar ou determinar competições que ofereçam condições igualitárias de vitória para homens e mulheres, contudo isto nunca foi considerado. Ao invés disto, as mulheres são forçadas a se adaptar às competições destinadas aos homens. Isto ajuda a manter a ênfase na competição, em detrimento da cooperação.

A dominação masculina no movimento Olímpico reflete e reforça a predominância de homens nos jogos esportivos que recebem maior atenção na maioria dos países do mundo.

5. Racismo

Os Jogos foram criados pelas elites européias e construídos com base nos esportes ocidentais. Através da publicidade mundial nas Olimpíadas e a competição pela glória nacional, cada vez mais esses esportes têm sido adotados em países em que não possuem popularidade alguma.

Muitos países não-ocidentais têm histórias longas de jogos esportivos indígenas e jogos que não se ajustam ao modelo ocidental. Estas tradições foram ignoradas. O Comitê Olímpico Internacional é dominado por perspectivas ocidentais de esportes e aparenta não tomar conhecimento dos estilos e tradições não-ocidentais. Isto sem mencionar o racismo que pode ocorrer entre os times, e inclusive dentro de um mesmo time.

6. Violência

Muitos jogos esportivos, tais como boxe, arco-e-flecha e dardo, são modelados em habilidades para a guerra. Alguns esportes envolvem violência, incluindo esportes de aparente "não-contato", como o basquete. A

competição intensa e o partidarismo, combinados aos esportes, frequentemente geram agressividade entre os espectadores. Em algumas ocasiões, eventos esportivos foram o gatilho para o início das guerras. Em geral, esportes competitivos refletem, mais do que reduzem, a violência no resto da sociedade.

As Olimpíadas foram criadas para fomentar a paz e a harmonia. Ao invés disto, têm se tornado uma arena para a continuação da violência entre indivíduos em competições, e entre Estados na luta por poder e status. A decisão de Atenas ser a sede dos Jogos Olímpicos de 1896 estimulou o nacionalismo grego, acarretando uma guerra contra a Turquia em 1897. O movimento Olímpico tem sido incapaz de tornar seu objetivo principal, a paz, em uma realidade.

7. Celebridade

Os Jogos fomentam uma cultura de celebridades, na qual as estrelas são postas em evidência, em detrimento dos participantes não pertencentes à elite. Os espectadores se identificam com heróis olímpicos, atribuindo a eles virtudes morais como co-

ragem e integridade. Ademais, a combinação de competições para especialistas, somada a um prêmio pela vitória significa que os atletas olímpicos não desempenham papéis de modelos adequados. Eles podem desenvolver certas habilidades e forças em detrimento de uma vida saudável, competir em detrimento de outros compromissos ou valorizar mais o sucesso pessoal do que uma competição justa ou a ajuda ao próximo. Isto não é culpa dos atletas, mas um sintoma de uma competição entre elites, em que um vitorioso é idolatrado pela mídia e se torna um símbolo de sucesso nacional.

8. Intensificação Tecnológica

As competições de nível olímpico são uma luta entre aplicações de ciências e tecnologias avançadas em equipamentos, treinamentos, psicologias, e drogas (legais e ilegais). No ciclismo, por exemplo, a vitória tende a ser conquistada tanto pela bicicleta com a melhor troca de marchas, quanto pelo melhor ciclista. Os corpos humanos são tratados como máquinas, objetivando o maior sucesso nas competições.

O papel crescente dos meios de intervenções científicas e tecnológicas sofisticadas significa que os indivíduos e países sem as instalações mais

avancadas são prejudicados, ocasionando uma outra dimensão de racismo, construída nos Jogos Olímpicos. Passos poderiam ser dados para superar isto, por exemplo, pela determinação de equipamentos padronizados para os competidores. Porém, isto iria contra os interesses dos governantes com tecnologias superiores.

9. Espectadores

Assistir a competições esportivas, como as Olimpíadas, por exemplo, serve para integrar os espectadores, (especialmente os homens) em um sistema dominante de valoração da rivalidade para o alcance do sucesso. Debajo do disfarce de desfrute de entretenimento e apoio ao atleta preferido, são inculcadas nos espectadores dos esportes as suposições de que vida é uma competição, que as regras são justas, que a maioria das recompensas vai para os vencedores, e que os perdedores devem apenas se culpar pelas derrotas. Essas idéias são convenientes para manter os trabalhadores em um estágio permanente de inércia. Devido às semelhanças entre a competição nos esportes competitivos e a competição nos negócios, metáforas esportivas ("marcar gol", "campo de jogo") são tão utilizadas fora do terreno esportivo.



10. Repressão governamental

Os países sedes dos Jogos Olímpicos são locais de liberdades civis reduzidas. Devido à vasta audiência e ao grande valor simbólico das Olimpíadas, diversos grupos tentam ganhar visibilidade através de atentados aos Jogos, havendo necessidade de leis e políticas especiais para prevenir este tipo de ato. Terroristas utilizaram as Olimpíadas de Munich em 1972, por exemplo, como palco. À medida que a ameaça se torna maior, aumenta o controle sobre as manifestações de discórdia.

Estratégias para mudança

A) Reforma dos Jogos Olímpicos

Foram apresentadas diversas idéias para eliminar alguns dos problemas relativos aos Jogos. Uma delas é a indicação de Atenas como sede permanente das Olimpíadas. Isto acabaria com as políticas em torno da escolha do país sede dos Jogos, em que apresentar os sócios do Comitê Olímpico Internacional como forma de barganha ficou rotineiro. Outra sugestão

seria a escolha de locais múltiplos para os Jogos, de forma que o fardo (financeiro e simbólico) em uma única cidade fosse reduzido. A terceira estratégia é que os atletas se representem e não representem países. Eles poderiam usar uniformes comuns. Poderiam ser eliminados jogos esportivos disputados por times. Isto reduziria a identificação nacionalista. Essas e outras idéias são boas, mas são opostas aos interesses nacionais e comerciais, e, portanto, de improváveis de serem introduzidas pelo Comitê Olímpico Internacional, representante dos interesses mencionados.

B) Uso dos Jogos como um local para luta política

Outra aproximação é aceitar os Jogos como eles são, mas usá-los como um lugar para empreender várias campanhas. Nas Olimpíadas de 1968, na Cidade do México, corredores negros em fila no posto de chegada deram uma saudação de poder negro aos que completavam a prova, com tremendo impacto simbólico.

Geralmente, entretanto, esta estratégia não é muito frutífera. Requer esforços enormes para se tornar um atleta Olímpico, contudo oportunidades para se fazer gestos políticos são bastante limitadas. Para não-atletas há possibilidades de se fazer protestos, mas os Jogos não provêem um campo para uso político. Os governos e corporações possuem as maiores oportunidades de usarem os Jogos para seus próprios propósitos, seja por sucessos esportivos, boicotes ou anúncios comerciais.

C) Desafiar os Jogos Olímpicos

O primeiro passo é ignorar os Jogos. Isto soa simples, mas pode ser bastante significativo caso os parentes da pessoa ou seus amigos esperarem entusiasmo pelo espetáculo Olímpico.

Outro passo é se opor aos Jogos ativamente, por exemplo, escrevendo cartas, folhetos circulares, organizando protestos, produzindo sátiras, boicotando patrocinadores comerciais e muitas outras técnicas. Isto possui a vantagem de ir além da crítica individual. Mas, seria difícil a obtenção de resultados em curto prazo, dadas as forças globais que promovem os Jogos.

Um terceiro passo é promover jogos alternativos. Nos anos vinte e trinta, havia os jogos de trabalhadores que evitaram muito do nacionalismo e preconceito da alta classe das Olimpíadas. O problema com esta estratégia é que qualquer jogo que se torne uma real alternativa provável às Olimpíadas será afetado pelos mesmos tipos de problemas, como comercialismo, competição e participação passiva dos espectadores.

Uma quarta possibilidade é promover jogos cooperativos (não Jogos Olímpicos do estilo tradicional, mas jogos que signifiquem realmente diversão) e alternativas para as funções psycho-social de esporte. Algumas formas de drama e jogos alternativos podem realizar isto. Muito mais investigações, incluindo provas práticas, se fazem necessárias como alternativas funcionais do esporte competitivo. Agora, entretanto, muito mais dinheiro e esforço são dedicados à biomecânica da natação, à melhora da qualidade das raquetes de tênis e à descoberta de novas drogas para atletas, do que para elaboração de jogos cooperativos.